

PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA TRAMA EDIFICADA PELAS FÁBRICAS TÊXTEIS “ALEXANDRIA, SANTA MARGARIDA E NORTE ALAGOAS” EM MACEIÓ-AL

Beatriz Rodrigues Simões Gomes¹

Gabriela Marinho da Silva²

Mônica Peixoto Vianna³

Arquitetura e Urbanismo



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

A atividade têxtil alagoana se consolidou industrialmente entre o século XIX e o início do século XX, tendo proporcionado, à nível nacional, maior destaque ao comércio nordestino graças a fatores como a existência de matéria-prima abundante e de mão de obra barata. Deste modo, o presente artigo propõe a análise e o levantamento histórico dos antigos núcleos residenciais operários das fábricas *Alexandria*, *Santa Margarida* e *Norte Alagoas*, na cidade de Maceió-Alagoas. Pretende-se, assim, verificar a configuração espacial, as várias tipologias arquitetônicas, a relação entre os diferentes conceitos de *habitat* além do processo de desmonte e a atual situação desses espaços por meio de visitas de campo, levantamentos bibliográficos, iconográficos e audiovisuais e de pesquisas em portais virtuais de textos científicos. Os resultados desse mapeamento permitiram a posterior compreensão e análise do processo de implantação desses núcleos fabris e da concentração de poder em relação a setorização e hierarquização dos espaços e das edificações, possibilitando a comparação do cenário antigo com o atual dos núcleos, bem como entender o impacto do fechamento e desmonte do espaço para seus trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE

Maceió. Patrimônio Industrial. Alexandria. Norte Alagoas. Santa Margarida.

ABSTRACT

The textile activity in Alagoas was industrially consolidated between the 19th century and the beginning of the 20th century, having, at the national level, given greater prominence to the Northeastern trade thanks to factors such as the existence of abundant raw materials and cheap labor. Thus, this article proposes the analysis and historical survey of the workers of the old residential nucleus of the factories "Alexandria, Santa Margarida and Norte Alagoas", in the city of Maceió-Alagoas. It is intended, therefore, to verify the spatial configuration, the various architectural typologies, the relationship between the different concepts of habitat beyond the dismantling process and the current situation of these spaces through field visits, surveys and bibliographic, iconographic and audiovisual research in the virtual domain, portals of scientific texts. The results of this mapping allowed for a later understanding and analysis of the implantation process of these manufacturing centers and of the concentration of power in relation to the sectorization and hierarchy of spaces and buildings, allowing the comparison of the old scenario with the current one of the centers, as well as understanding the impact of closing and dismantling the space for your workers.

KEYWORDS

Maceió; Industrial heritage; Alexandria; Norte Alagoas; Santa Margarida.

1 O ALGODÃO E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E TÊXTIL EM ALAGOAS

A história da civilização alagoana é, sem dúvidas, fortemente marcada pela presença da cultura do cultivo da cana-de-açúcar. No entanto, a partir do século XIX, a produção do algodão passou a se consolidar nas demais regiões do país, abrindo espaço para novos mercados que logo começaram a disputar e a enfraquecer a comercialização do açúcar tanto em cenários nacionais, quanto internacionais, passando a gradativamente retirar o controle político das mãos da burguesia açucareira.

Diante de um cenário de prosperidade e sob forte influência estrangeira, os mercados do açúcar e do algodão foram se reinventando de modo a transformar os engenhos em usinas e fortalecer o desenvolvimento das plantações de algodão, abrindo espaço ao surgimento das fábricas têxteis no Brasil. Estas empresas foram diretamente responsáveis por um progresso que nunca fora anteriormente visto na história de Alagoas e pelo reconhecimento do produto brasileiro mundo afora, graças a fatores como a existência de matéria-prima abundante, de mão de obra barata e de fácil acesso a importação por meio de vias hidrográficas e linhas férreas.

Segundo Oliveira (1981), a produção dos fios e tecidos nordestinos esteve especializada durante muito tempo na confecção de tecidos grossos. Neste contexto, chegou a Alagoas, em 1857, a primeira indústria do setor têxtil, a Companhia União Mercantil que posteriormente ficou conhecida como Fábrica Carmen. Assim, a cultura

do algodão veio a se desenvolver em um ritmo tão acelerado que acabou por resultar na implantação de treze fábricas de fiação e tecelagem no estado, que foram responsáveis por boa parte da formação do tecido urbano das cidades, transmitindo de modo expressivo o seu cotidiano, as suas funções, os seus conflitos e os seus principais usos.

A instituição desses novos espaços dentro da cultura alagoana são marcos das transformações históricas, políticas e culturais, tendo influência, sobretudo, na formação do cotidiano capitalista em Alagoas, admitindo novos costumes laborais por meio da disciplina do trabalho dentro de seus núcleos e vilas operárias administradas pelas indústrias. O processo de implantação das indústrias em Alagoas foi dotado de particularidades, pois segundo Farias (2012, p. 26), “em Alagoas não houve um processo de industrialização propriamente dito [...], mas sim a implantação de núcleos industriais em regiões afastadas, com laços arraigados à economia agrária tradicional”.

Mesmo com todos os fatos que propiciaram o seu crescimento, a indústria do algodão não conseguiu acompanhar a evolução dos seus concorrentes e sua produção recuou na década de 1930 em virtude de uma série de fatores como a reestruturação da produção algodoeira dos Estados Unidos, a ascensão da indústria cafeeira, a diversificação da produção na região sudeste do Brasil e a escassez de mão de obra. Logo, outros setores industriais passaram a competir com a indústria do algodão, culminando no declínio de todo o sistema algodoeiro, o que acabou por acarretar o fechamento e o desmonte das fábricas alagoanas e das suas respectivas vilas operárias.

2 A FÁBRICA “ALEXANDRIA”

O início do século XX, período fortemente marcado por inúmeros avanços tecnológicos, foi também o cenário que deu origem a criação da Fábrica Cotonificio Lobo S.A., popularmente chamada de Fábrica Alexandria, localizada no bairro do Bom Parto.

O bairro citado surgiu próximo ao centro da cidade, sendo permeado pela Lagoa Mundaú e estando caracterizado por ser um dos poucos a fazer conexão com a linha férrea, de modo a justificar o interesse da implantação industrial na região visto a disponibilidade de recursos hídricos e a facilidade de escoamento da produção proporcionada pela presença do transporte ferroviário. O povoamento da área esteve ligado, ainda, para além das atividades fabris, a existência da Igreja do Bom Parto, que atraiu durante muitos anos a presença de fiéis nos seus arredores e se tornou ponto de referência em Maceió desde o ano de 1959.

Fábrica Alexandria foi responsável, de fato, por abrir novas portas ao desenvolvimento do bairro mas, ao contrário do que se imagina, nos anos que antecedem à sua existência já se podia registrar, neste local, a presença de centros escolares, de clubes voltados ao lazer dos moradores e de residências na região, bem como também já era possível usufruir da energia elétrica e do transporte de bonde devido às vias que permeavam à área, um grande indicativo de uma infraestrutura pré-existente que veio a facilitar ainda mais à chegada da Alexandria a Maceió. Foi, tão somente em outubro do ano de 1911, que à Fábrica veio a iniciar as suas atividades no Bom Parto, sendo o primeiro empreendimento a produzir “linhas de coser a máquina”.

Figura 1 – Fábrica Alexandria

Fonte: Ticianeli (2019).

A implantação da Alexandria foi, de forma decisiva, o que transformou o Bom Parto em um típico bairro operário. A indústria fabril acabou por reger todas as atividades econômicas da região durante muitos anos, de modo a se tornar um grande marco na economia do Estado, devido a sua ampla oferta de variedade e qualidade na produção de tecidos, fustões e morins, que eram produzidos por meio de maquinários importados da Europa.

Além do benefício econômico que a indústria veio a proporcionar aos seus funcionários, também foram incontáveis as mudanças na qualidade de vida deles por meio da promoção ao acesso à moradia, ao lazer, à saúde e à educação, visto que esta estava sempre a oferecer desde refeições diárias até residências aos seus empregados. Deste modo, o empreendimento passou a buscar, cada vez mais, o aumento da sua produção. Para isso, foram estabelecidas infraestruturas internas que possibilitaram um sistema de trabalho intenso, que passou a ser dividido em períodos de três turnos.

2.1 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E A ARQUITETURA

O bairro do Bom Parto, onde está localizado o terreno da antiga Fábrica Alexandria, apesar de ter em seu passado uma história tipicamente operária apresenta, nos dias de hoje, uma grande diversidade quanto aos seus usos. Muitas das edificações existentes no local foram construídas e as que são oriundas dos tempos passados já sofreram modificações dos seus usuários devido ao surgimento de novas necessidades na região.

Pelo fato de estar localizada em um bairro que se conecta com o Centro da cidade de Maceió permite o acesso à infraestrutura, por isso percebe-se que à sua antiga vila operária é menos complexa, de modo em que não se veem espaços recreativos e de comércio originados dos anos de apogeu da indústria têxtil. O grande destaque deste complexo é, na verdade, o conjunto residencial, que vai se estendendo pelas ruas paralelas ao terreno da antiga indústria de tecidos e atual Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Apesar do lapso temporal existente entre a construção da vila e o presente momento, nota-se que a história se mantém preservada por meio de alguns detalhes do bairro, tendo como exemplo a Paróquia de Nossa Senhora do Bom Parto e o Colégio Cenecista Padre Brandão Lima. Em sua totalidade, o complexo também contava, ainda, com outras obras de apoio – que não foram necessariamente construídas pelos donos da fábrica – para além da igreja e da escola, tendo como exemplo a Associação dos moradores, a Associação dos operários, a delegacia e um Clube.

No que diz respeito às casas dos operários, nota-se que no contexto geral da vila fica claro o uso das tipologias das residências como uma forma de evidenciar as hierarquias existentes no ambiente de trabalho, que se estendem para além da vida laboral e se manifestam por meio das casas geminadas, com plantas e fachadas mais simples – dedicadas aos operários – e das residências com varanda na frente e ornamentadas – dedicadas aos funcionários com cargos maiores.

2.2 O PROCESSO DE FECHAMENTO DA FÁBRICA E A SITUAÇÃO ATUAL

A Fábrica Alexandria obteve grande destaque na exportação mundial de seus produtos, apesar de afetada pela depressão norte-americana e pela posterior Revolução de 1930, foi uma empresa que nunca apresentou uma consequência relevante no que diz respeito à crise sofrida pela indústria têxtil no ano de 1929 (FIEA, 2018). E as situações que se apresentaram no decorrer dos anos demonstravam enormes tensões entre os proprietários da fábrica e seus empregados, em relação às melhorias nas condições de trabalho, por fim, resultando na venda da empresa no início da década de 1960 e no seu posterior fechamento no ano de 1966.

Às vésperas de seu fechamento e desmonte, a fábrica, que possuía 1.015 operários em 1956, encerrou suas atividades no ano de 1966 com apenas 150 funcionários. Seus equipamentos e maquinários foram vendidos para uma importante fábrica têxtil chamada Cotonifício da Torre S.A., sediada em Recife – Pernambuco, cujas atividades foram encerradas em 1982. Atualmente, os moradores remanescentes, assim como suas famílias, não obtiveram qualquer ajuda de custo após o fechamento da fábrica, tendo muitos deles acabado por vender as suas casas, de modo a se mudarem em busca de emprego em outras cidades, enquanto outra parcela seleta de moradores foi empregada pela indústria que comprou a fábrica Alexandria.

O bairro do Bom Parto, predominantemente formado por residências operárias, mantém, até os dias atuais, esta característica. A sua extensão também permanece a mesma, de modo que é uma das menores divisões administrativas de Maceió, sendo limitado pelos bairros do Mutange e da Levada, que se encontram nas margens da Lagoa Mundaú.

Nos dias atuais, não se preservam no Bom Parto grandes costumes culturais. Os únicos rituais que foram mantidos dizem respeito às atividades religiosas, que são seguidas pelos fiéis de maneira assídua. Já a infraestrutura da região, que se fazia presente no passado, foi melhorada e hoje o acesso à energia elétrica e ao serviço de esgotamento sanitário é ofertado de maneira mais eficaz por meio de um sistema de rede coletora.

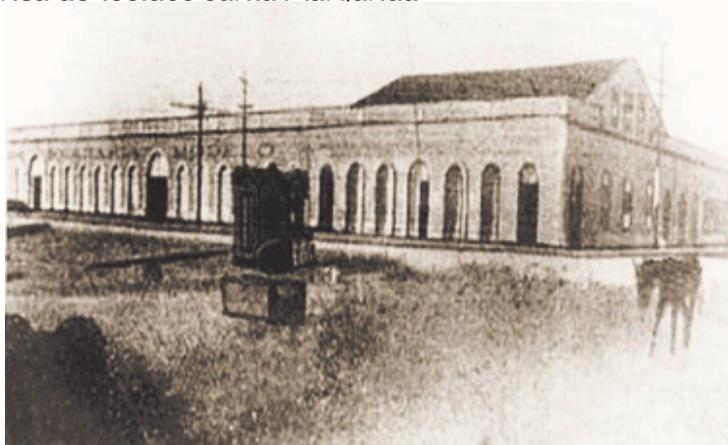
Além das antigas casas, o único edifício que teve a sua preservação garantida no bairro foi a Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto. Já o edifício da antiga Fábrica Alexandria foi demolido para dar espaço à SEMED e, observa-se a sua descaracterização total. O transporte, que antes era realizado somente por meio do trem, teve um importante progresso pelo Sistema de Mobilidade Integrado de Maceió, que faz uso dos eixos viários existentes e de novas vias estruturais que foram ofertadas ao bairro ao longo dos anos, facilitando ainda mais o funcionamento do sistema viário na região.

Apesar do bairro do Bom Parto ser muito utilizado pela população, fica evidente que ele não se desenvolveu no mesmo ritmo dos demais bairros de Maceió. A desativação da fábrica trouxe ao local um aspecto de estagnação e as suas edificações como um todo denotam um aspecto muito retrógrado, com exceção da SEMED, que foi construída em meados dos anos 1990.

3 A FÁBRICA “SANTA MARGARIDA”

Surge no ano de 1914, seguindo o então progresso industrial, a primeira fábrica do segmento têxtil no bairro do Jaraguá, que foi denominada Santa Margarida e se localizava no encontro das ruas Sá e Albuquerque e Mato Grosso no bairro do Jaraguá. Neste momento, pode-se afirmar que as produções do açúcar e do algodão ainda conviviam de forma harmoniosa, mas os engenhos ainda se destacavam frente a produção algodoeira. Ainda assim, o progresso de Alagoas com relação às indústrias têxteis se mantinha constante e, desta forma “ouviam-se o sibilar das locomotivas nas linhas férreas e de fábricas industriais” (PEDROSA, 1998, p. 55). No cenário encontrado, era comum que as fábricas têxteis alagoanas se instalassem em zonas isoladas, visto o desejo constante dos industriais de estarem afastados dos bairros populosos e aglomerados.

Figura 2 – Fábrica de tecidos Santa Margarida



Fonte: Ticianeli (2019).

Foi propriedade de Luiz Vasconcellos e em relação às demais era considerada uma fábrica pequena e a vantagem de ter um fluxo constante de pessoas e mercado-

rias na região e a proximidade com o porto de Jaraguá e do centro da cidade e o fácil acesso ao transporte ferroviário. Devido à estrutura preexistente no bairro, poucas foram as modificações sofridas no local que decorreram da instalação da fábrica têxtil.

3.1 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E A ARQUITETURA

A vila operária que se consolidou nos arredores da fábrica e possuía uma extensão notoriamente menor, e a existência do transporte tornou a vida trabalhista menos rígida, dando ao operariado uma maior liberdade para ir e vir. Porém, promovia-se uma tentativa de controle por meio do estabelecimento de uma rotina fortemente marcada pelo som dos apitos que soavam dia e noite e este modelo de controle acabava por gerar um impasse com os demais habitantes da região. No entanto, o interesse do seu proprietário esteve estritamente ligado à característica tipicamente comercial do bairro, que possibilitou uma grande visibilidade ao empreendimento e acabou por trazer benefícios ligados ao escoamento da produção.

A fábrica está localizada em um terreno de esquina e é composta por um grande bloco retangular com inúmeras aberturas sequenciais com acabamento arredondado. O telhado da edificação é composto por quatro águas escondidas por uma platibanda e suas esquadrias são, sem exceção, de madeira. E a fachada possui uma espécie de frontão e na platibanda possui frisos detalhados que conferem uma estética mais agradável ao edifício.

3.2 O PROCESSO DE FECHAMENTO DA FÁBRICA E A SITUAÇÃO ATUAL

Apesar dos seus anos de prosperidade, a fábrica encerrou suas atividades em 1930, decretando falência no ano seguinte. Posteriormente, seu prédio recebeu novos usos e é, entre as fábricas analisadas, o único que se mantém preservado e cumprindo função social até os dias atuais. Hoje, o empreendimento foi ocupado pela empresa Madeiras do Brasil e é o único que apresenta um ótimo estado de conservação, em comparação a imagens antigas, a única modificação que pode ser percebida diz respeito às cores da fachada, que antes eram neutras e hoje seguem o padrão da loja que adquiriu o imóvel.

Em relação ao entorno da unidade fabril notou-se uma semelhança entre as residências que denotam aspectos típicos de casas operárias. Atualmente existem poucos exemplares que não sofreram alterações. Por meio da visualização de uma destas residências o que se observa são edificações baixas e geminadas com uma porta de acesso principal e duas janelas, ambas de madeira. As esquadrias são contornadas por molduras e ainda existe, acima da porta, a presença de uma espécie de cobogó. No telhado, como habitual, utiliza-se a platibanda e o detalhamento que se vê na fachada é mais rebuscado do que nas demais vilas e núcleos que foram analisados.

O Bairro do Jaraguá, fortemente marcado pelo uso comercial nos anos do apogeu industrial da cidade de Maceió tem perdido, com o passar do tempo, as suas

características iniciais. Hoje, por meio de um forte incentivo promovido pelo Estado, grande parte das edificações foram sendo reocupadas progressivamente por bancos, faculdades, instituições públicas e até mesmo por casas de show. É válido ressaltar, no entanto, que mesmo depois deste ressurgimento o comércio local jamais voltou a se estabelecer da mesma maneira. Já a característica habitacional do bairro pouco se desenvolveu novamente, de modo em que as ruas que se destinam as residências são quase inexistentes e pouco preservadas.

Dado o enorme potencial do bairro do Jaraguá, nota-se a necessidade de preservá-lo e reativá-lo de modo a não visar somente interesses econômicos, porque esta é uma iniciativa que visivelmente acaba trazendo ao bairro uma imagem meramente ilustrativa e turística. É preciso que as características intrínsecas do bairro sejam resgatadas para que a memória seja preservada e para que haja um fortalecimento identitário da população com ele, de modo em que estes possam se sentir partes pertencentes da história.

4 A FÁBRICA “NORTE ALAGOAS”

A Fábrica Norte Alagoas, fundada no ano de 1924, surgiu na cidade de Maceió em um cenário onde “o setor têxtil e algodoeiro alagoano se destacava, apesar das sucessivas crises políticas e econômicas nos anos 1920 no Brasil” (TAVARES, 2020, p. 6), sendo fortemente influenciada pela eclosão da Primeira Guerra, que abriu novos espaços para a produção e a exportação de tecidos no mercado mundo afora.

As fábricas têxteis de Alagoas, salvo raras exceções, foram fundadas por meio das iniciativas de imigrantes ou dos seus descendentes, de modo a tornar claro o desinteresse da oligarquia alagoana pela industrialização. O caso da Fábrica Norte Alagoas – popularmente chamada Fábrica da Saúde – não foi diferente, tendo ela sido um empreendimento da família Nogueira, de origem portuguesa é formada por Antônio Nogueira Júnior, Carlos da Silva Nogueira, José da Silva Nogueira e Aloísio da Silva Nogueira, que eram, anteriormente, os gestores da Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz. O complexo fabril instalou-se em uma propriedade da mesma família e ficou conhecido, ainda, como “Alemanha pequena”, em comparação ao regime nazista pela forma de controle sobre a vida econômica, política e habitacional dos operários que residiam no núcleo fabril (TICIANELI, 2020).

O litoral Norte da cidade de Maceió, até então pouco explorado, foi o local escolhido para dar início às atividades fabris da Norte Alagoas. Esta foi implantada, mais especificamente, no Distrito da Saúde, caracterizado por ser um povoado simples e sem nenhuma infraestrutura para comportar o surgimento da indústria.

Com o crescimento das atividades da fábrica a vila também acabou por consequentemente se desenvolver, ganhando características mais urbanas, de modo a logo se tornar um núcleo com uma grande variedade de instalações, como creches, escolas, clubes, postos de polícias, moradias de acordo com o cargo designado na indústria, entre outros.

Toda essa articulação fabril que envolvia a organização espacial e funcionamento do próprio empreendimento e da comunidade operária acabou por resultar

em uma gestão e um cotidiano voltados para a produção industrial, onde todas as atividades econômicas e sociais ocorriam naquele espaço. Segundo Melo (2012, p. 87) “foi na Fábrica Norte Alagoas onde encontramos um maior isolamento e as piores condições de trabalho e vida”.

4.1 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E A ARQUITETURA

Atualmente, no terreno da fábrica operária é possível reconhecer, inicialmente, cerca de 7 construções com estados de conservação variados, já que algumas destas se encontram quase que totalmente deterioradas, enquanto outras ainda são utilizadas pela população. A sensação que permeia o local, do início ao fim, é a de estar em uma área completamente estagnada, que se encontra à mercê das ações do tempo. Todo o complexo era composto pelas residências operárias, os galpões da própria fábrica, a casa grande pertencente aos proprietários, as residências dos funcionários mais importantes, a escola do núcleo operário e a Igreja Nossa Senhora da Saúde.

Figura 3 – Fachada da Fábrica Norte Alagoas, ainda em funcionamento



Fonte: Ticianeli (2020).

Por meio dos relatos dos moradores e antigos funcionários da fábrica que ainda vivem no local, sabe-se que existia, ainda, em uma área do terreno que abrigava um conjunto de cerca de quatrocentas casas, destinadas a abrigar os funcionários de menor nível econômico da fábrica, como os tecelões. A área ainda contava com alguns atrativos para a população, como campos e quadras de esportes.

4.2 O PROCESSO DE FECHAMENTO DA FÁBRICA E A SITUAÇÃO ATUAL

A Fábrica Norte-Alagoas foi uma das indústrias encontradas na capital de Maceió que foram pouco afetadas pela crise econômica da década de 1930, pois ao que se sabe, a companhia não apresentava em seus relatórios declínios consideráveis re-

sultantes da crise no mercado internacional. Sabe-se, ainda, que boa parte deste lucro se destinava à aquisição de novos maquinários.

Os problemas que se sucederam na Norte Alagoas, pode-se afirmar, se originaram por meio de um intenso conflito de interesses, pois com o notável fortalecimento das classes trabalhistas novos embates entre trabalhadores e empresários foram continuamente surgindo.

Desta forma, a indústria têxtil entrou na nova década extremamente abalada, demandando novos esforços que visavam a obtenção de lucros mesmo diante de um cenário de elevação dos preços do algodão e de baixa no valor dos tecidos, que eram produzidos em grande escala e passavam por um processo de concorrência elevado. Esta situação só veio a se estabilizar mais tarde, em meados do ano de 1953, mas é preciso afirmar que esta melhora não significou o surgimento de um lucro elevado para a empresa. Nos anos que se sucederam as situações das jornadas de trabalho da fábrica continuavam a piorar, gerando ainda mais denúncias aos proprietários.

De acordo com o atual vigia da propriedade, a fábrica teve a venda do seu maquinário e o seu fechamento realizado entre os anos de 1983 a 1985. No entanto, foi somente no ano de 1992 que as casas do conjunto operário foram derrubadas e, mediante a este acontecimento, no ano de 2006 o terreno foi vendido ao proprietário da atual Construtora Nova Itália. Hoje, o que se sabe é que o terreno será sede de uma unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e a intenção da empresa é a plena recuperação dos prédios da antiga fábrica, de modo a preservar a história e o legado têxtil em Alagoas.

E, com o fechamento da Fábrica, o povoado Saúde acabou por perder a sua fábrica têxtil, de modo a tornar o bairro uma localidade dormitório, realidade essa que só se alterou após o surgimento da pesca, do turismo e do veraneio como novas potencialidades para a região, já que novos hotéis começaram a gradativamente se instalar na área. Atualmente a população nativa do povoado sobrevive por meio do desenvolvimento de atividades econômicas na própria região, já que não existem oportunidades de trabalho fixo.

De modo geral, percebe-se no bairro a preservação dos costumes culturais e melhorias relacionadas à mobilidade urbana, que resultaram no surgimento de novas estradas, na diminuição do tempo de deslocamento e na necessidade de expansão das linhas de ônibus, tornando a realidade do transporte coletivo frequente para os moradores do povoado.

Nos dias atuais, o povoado é formado por residências de baixa renda que são geminadas e feitas por meio de técnicas construtivas pouco requintadas. Estas foram doadas aos antigos funcionários da fábrica e nos dias de hoje, as edificações localizadas no litoral são, no geral, casas de verão.

Em relação à infraestrutura do núcleo fabril, grande parte se encontra em ruína ou em péssimo estado de conservação, mas algumas edificações permanecem em uso. Apesar da história da Fábrica ter se perdido no tempo, a mesma ainda se faz muito presente na memória e no cotidiano dos cidadãos, o que reforça a necessidade urgente da valorização deste patrimônio, que é uma referência a história de Maceió e traz consigo significados afetivos, sociais e culturais para a cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu perceber que o processo de criação e de desenvolvimento dessa unidade fabril é tão complexo quanto a história do setor têxtil em Alagoas e como ambas estão atreladas. Vislumbrar os caminhos percorridos por cada uma delas em sua trajetória histórica foi de fundamental importância para a compreensão do papel da arquitetura, que agia não somente como algo que determinava características, mas também que servia como instrumento de demarcação de território, controle e poder sobre a população. Um grande exemplo são as Fábricas Norte Alagoas e Alexandria que em suas vilas operárias ocorriam a concentração de poder e a setorização hierarquização dos espaços e edificações.

Outro ponto importante, foi a comparação dos cenários antigo e atual, também como o impacto do fechamento e desmonte dessas fábricas afetaram o espaço urbano, principalmente, o modo de vida de seus operários, que em uma situação de prosperidade e ascensão econômica no século XX passou para um processo de esquecimento e abandono de suas estruturas principais, no caso das fábricas Alexandria e Santa Margarida – que se encontram demolidas e fechadas, respectivamente – ainda por um período de incerteza como é o caso da Fábrica Norte Alagoas – que há a perspectiva de ocupação do galpão principal por uma empresa estatal de grande porte (EMBRAPA).

Portanto, o estudo desempenhou um importante papel para a ampliação do olhar acerca do patrimônio histórico de Alagoas, com um foco maior no patrimônio industrial em Maceió, levantando a importância da preservação da memória em relação aos fatos e acontecimentos correlacionados.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

FIEA – Federação das Indústrias do Estado de Alagoas. **Trajatória da Indústria em Alagoas: 1850/2017**. Instituto Euvaldo Lodi, Maceió: FIEA, 2018.

MELO, A. S. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951 - 1964)**. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEDROSA, Maya J. F. **Histórias do velho Jaraguá**. Maceió: Gráfica e Editora Talento, 1998.

TAVARES, Marcelo Góes. Territórios fabris no ramo têxtil em Alagoas e fisiografias urbanas em Maceió (1857-1943): histórias e representações. **Revista franco-brasileira de geografia**, Confins, n. 40, maio 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/20309#quotation>. Acesso em: 20 jun. 2020.

TICIANELI, Edberto. Avenida da Paz, o aterro de Jaraguá. **História de Alagoas**, 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/avenida-da-paz-o-aterro-de-jaragua.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

TICIANELI, Edberto. Bom Parto da paróquia do padre Brandão Lima e da Fábrica Alexandria. **História de Alagoas**, 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/bom-parto-da-paroquia-do-padre-brandao-lima-e-da-fabrica-alexandria.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Data do recebimento: 14 de setembro de 2021

Data da avaliação: 27 de setembro de 2021

Data de aceite: 27 de setembro de 2021

1 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo – UNIT/AL. E-mail: beatriz.rodrigues@souunit.com.br

2 Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo – UNIT/AL. E-mail: gabriela.marinho@souunit.com.br

3 Doutora em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pela Universidade de São Paulo (IAU-USP). Professora titular do curso de Arquitetura e Urbanismo – UNIT/AL. E-mail: monica.peixoto@souunit.com.br